

ESTUDO DA TOPONÍMIA NO "DICIONÁRIO ILUSTRADO DE LIBRAS": ANÁLISE DA MICROESTRUTURA

STUDY OF THE TOPONYMY IN THE "ILLUSTRATED DICTIONARY OF LIBRAS": MICROSTRUCTURE ANALYSIS

ESTUDIO DE LATOPONIMIAENEL "DICCIONARIO ILUSTRADO DE LIBRAS": ANÁLISIS DE LAMICROESTRUTURA

*Leandro Andrade FERNANDES**
*Vanessa Regina Duarte XAVIER***

Resumen: Estudos relacionados ao léxico da Libras ainda são escassos, devido ao reconhecimento desta como língua ser recente. No que se refere aos estudos onomásticos, sua carência é ainda maior; desta forma, há a necessidade de voltarmos nossos olhares para como é realizada a inserção de topônimos da Libras em dicionários gerais. Nesse sentido, o presente trabalho tem como finalidade realizar um levantamento de signos toponímicos presentes no Dicionário Ilustrado de Libras (BRANDÃO, 2011) para a análise de sua microestrutura, em especial das informações presentes em seus micro paradigmas, consoante o modelo de Faulstich (2010). Para esta finalidade, utilizamos como base os estudos onomásticos de Dick (1992), Andrade (2011) e Castiglioni (2014). Também auxiliou-nos o estudo de Souza Junior (2012), por ter sido pioneiro nas pesquisas sobre topônimos na Libras.

Palabras clave: Toponímia; Libras; Microestrutura.

Abstract: Studies related to the Libras lexicon are still scarce, due to the recognition of this as language being recent. As for onomastic studies, their lack is even greater; in this way, there is a need to turn our gaze towards the insertion of Libras toponyms in general dictionaries. In this sense, the present work aims to perform a survey of toponym signs present in the Illustrated Dictionary of Libras (BRANDÃO, 2011) to analyze its microstructure, especially the information present in its microparadigms, consonant or Faulstich model (2010). For this purpose, we use as reference the onomastic studies of Dick (1992), Andrade (2011) and Castiglioni (2014). We also

* Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional Catalão, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG. Professor auxiliar de Libras na Universidade Federal do Tocantins-UFT. Contato: leandroandrade.letas@gmail.com.

** Doutora em Letras pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP – 2012. Professora permanente do programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão - UFG/RC. Contato: vrdxavier@gmail.com.

aided the study of Souza Junior (2012), for having pioneered research on toponyms in Libras.

Keywords: Toponymy; Libras; Microstructure.

Resumo: Los estudios relacionados con el léxico de la Libras todavía son escasos, debido al reconocimiento de ésta como lengua ser reciente. En lo que se refiere a los estudios onomáticos, su carencia es aún mayor; De esta forma, hay la necesidad de volver miradas en cómo se realiza su inserción en diccionarios generales. El presente trabajo tiene como finalidad realizar un levantamiento de signos toponímicos presentes en el Diccionario Ilustrado de Libras (BRANDÃO, 2011). Con el listado de estas entradas, realizaremos el análisis de su microestructura, en especial de las informaciones presentes en sus microparadigmas, según el modelo de Faulstich (2010). Para este propósito, utilizamos como base los estudios onomáticos de Dick (1992), Andrade (2011) y Castiglioni (2014). Por último, también nos ayudó el estudio de Souza Junior (2012), por haber sido pionero en las investigaciones sobre topónimos en la Libras.

Palavras-chave: Toponimia; Libras; Microestrutura.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade realizar um levantamento de signos toponímicos presentes no Dicionário Ilustrado de Libras – DIL (BRANDÃO, 2011). Com a listagem destes verbetes, realizaremos a análise de sua microestrutura, em especial das informações presentes em seus microparadigmas, consoante o modelo de Faulstich (2010).

Além de ser possível, após a catalogação dos verbetes toponímicos, efetuar um cotejo entre eles com o objetivo de averiguar a presença de uma quantidade significativa de signos toponímicos, que pertencem aos grupos de países, estados e capitais, bem como da organização de sua microestrutura. Em consonância, será realizada uma apreciação buscando apresentar o quantitativo dos referidos grupos presente no Dicionário Aurélio Ilustrado (FERREIRA, 2008), por conter em textos externos uma tabela indicando países, estados e capitais do Brasil. Desta forma, podemos apontar a presença ou ausência do rigor lexicográfico referentes à seleção dos verbetes toponímicos arrolados no DIL.

Importante destacar que estudos relacionados a signos toponímicos na Libras são exíguos, em especial os voltados para sua

inserção em dicionários. Por este motivo, nós propusemos esta investigação, objetivando apresentar informações importantes para a área da lexicografia que se refere à inserção destes elementos em dicionários gerais.

Compreendendo o signo toponímico e sua estrutura

O signo toponímico difere dos demais signos linguísticos por estes serem arbitrários, conforme aponta Saussure (1969), enquanto aquele é motivado, devido às estreitas relações entre significado e significante, tal como observa Andrade:

O signo toponímico é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos no que se refere à motivação, tem particularidades específicas quanto à função (ANDRADE, 2011, p. 158).

Castiglioni (2014) concebe os topônimos como sintagmas que apresentam o termo genérico seguido pelo termo específico. Em seu trabalho, leva em consideração a proposta de Dick (1992), que aponta a constituição de dois termos em um único sintagma. Portanto, nos signos toponímicos, segundo Castiglioni (2004, p.42), em contextos específicos como mapas geográficos, principal fonte das pesquisas toponímicas, os dois elementos não aparecem separadamente e, sim, formando um enunciado com sentido único ou um enunciado cujo significado se constrói pela totalidade e não pela soma entre os sentidos individuais de cada um.

No entanto, é possível encontrar outra estrutura para signos toponímicos, denominados de topônimos simples ou elementos específicos simples, conforme Souza Junior (2012, p. 27), que os definem como “o designativo que possui somente o elemento formador, e que nas línguas orais podem ser acompanhados de sufixos e terminações como -lândia, -pólice -burgo”. Por este motivo, neste trabalho serão levados em consideração todos os sintagmas referentes a entidades geográficas, compostos ou não pelo termo genérico, pois, independentemente da presença deste, morros, rios, cidades, pontes, lagoas e outros são nomes próprios.

Dick (2007) diz que os topônimos e antropônimos podem ser uma unidade terminológica pertencente ao campo da terminologia e da socioterminologia. Entretanto, estes podem ser frequentemente encontrados não apenas em dicionários terminológicos, mas também em dicionários gerais da língua. Apesar disso, estas unidades linguísticas tendem a apresentar uma estrutura diferenciada das demais entradas. Enquanto nos verbetes em geral descreve-se o significado do signo-entrada, nos topônimos apontam-se dados geográficos, históricos, etimológicos e outros.

Para a avaliação da estrutura dos signos topônimos em dicionários gerais, utilizamos o modelo de ficha lexicográfica apresentado por Faulstich (2010, p. 184), que aponta os micro paradigmas importantes para a confecção de um verbete, sendo eles: entrada, categoria gramatical, gênero, sinônimo, variante, área de conhecimento ou domínio, definição, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, remissivas, nota, equivalente, autor(a), redator(a) e data. Por serem signos toponímicos unidades terminológicas frequentemente encontradas em dicionários gerais da língua, os elementos apresentados pela referida autora foram aqui considerados, por ser esta uma ficha lexicográfica ou terminográfica, simples e funcional.

As línguas de sinais e os estudos onomásticos

Na Libras, conforme Suppala (1992), as pessoas surdas e utentes da mesma, ao serem inseridas na comunidade surda, são “rebatizadas”, ganhando um sinal, sendo esta uma maneira própria da língua de se referir às pessoas. Geralmente os sinais/nomes carregam em si características físicas, psicossociais ou da grafia do próprio nome oficial. Os topônimos, ou seja, os nomes próprios de lugares seguem princípios semelhantes, como explica Souza Junior:

A princípio, quando um acidente geográfico físico ou humano não possui um sinal próprio a soletração manual serve como recurso linguístico para referência e logo pode ser lexicalizado como empréstimo ou substituído por um sinal específico (SOUZA JUNIOR, 2012, p. 29).

Interessante destacar que Stokoe, Casterline e Groneberg (1965) apresentam como apêndice de sua obra um dos primeiros estudos sobre os nomes próprios na língua de sinais americana. Os autores alegam que os sinais-nomes diferem-se dos demais sinais desta língua em dois aspectos linguísticos e dois metalinguísticos.

Em relação às informações linguísticas, aponta que a realização de um sinal em diferentes localizações pode se discernir diferentes pessoas e que os sinais nomes próprios apresentam, em sua maioria, a inicial do nome na língua oral correspondente. No fator metalinguístico, os sinais-nomes referem-se exclusivamente a uma pessoa ou a um lugar o “re-batismo” gera uma dissociação entre o nome próprio na língua oral e na língua de sinais, desta forma, pessoas com o mesmo nome não receberão o mesmo sinal.

Supalla (1992), tendo como foco os antropônimos, apresenta que os sinais criados para denominar pessoas e lugares se organizam a partir de uma motivação denominativa como descritivos ou arbitrários, indicando, assim como Stokoe, Casterline e Groneberg (1965), a utilização numerosa da letra inicial da língua oral para a criação do correspondente na língua de sinais. Além disso, aponta para a possibilidade da mudança do sinal nos nomes próprios, realizada a partir de um acordo entre utentes da referida língua.

Pode-se dizer que os estudos sobre a Libras têm se desenvolvido a passos curtos, especialmente os referentes ao léxico. No que se refere aos estudos dos topônimos, podemos destacar como pesquisa de caráter inaugural o trabalho de Souza Junior (2012). Importante destacar seu trabalho por ser este um marco em estudos toponímicos da Libras, apresentando características próprias destes signos na Libras.

Notas sobre os topônimos em dicionários gerais de Libras

Para a realização deste trabalho, utilizamos o Dicionário Ilustrado de Libras – DIL (2011), com o objetivo de coletar e analisar a microestrutura dos verbetes referentes a topônimos que integram a nomenclatura da referida obra. Por ter sido a Libras uma língua reconhecida como tal há pouco tempo, há no mercado apenas dois dicionários de Libras, no entanto, outras obras poderiam ser classificadas como tal, como o “Livro ilustrado de Língua de Sinais”,

apresentado em três volumes por Honora e Frizanco (2009, 2010, 2011). O DIL possui o total de 3.212 unidades linguísticas registradas, constituindo um dos maiores acervos lexicais da Libras.

Pela falta de um trabalho que defina a melhor estrutura para dicionários de Libras, e mais específico ainda para signos toponímicos, a análise dos verbetes fundamentou-se na ficha lexicográfica apresentada por Faulstich (2010, p. 184), por julgarmos que esta oferece informações essenciais que deveriam compor a microestrutura de uma entrada, além de a autora elencar estes micro paradigmas com definições simples e diretas.

Análise de dados

Após a seleção do dicionário a ser analisado, o mesmo foi explorado a fim de inventariar topônimos de países, estados e capitais. Estas categorias serão apresentadas de acordo com suas definições indicadas nas informações lexicográficas dos verbetes. Expomos a seguir os signos toponímicos encontrados no DIL e posteriormente, serão realizadas as devidas discussões pertinentes à nossa pesquisa. Divididos nas três categorias listadas acima os dados foram dispostos em ordem alfabética linearmente, ou seja, na horizontal da direita para a esquerda.

Quadro 1 - Nomes de países, estados e cidades encontrados no DIL (2011)

Países		
África do Sul	Alemanha	Arábia Saudita
Argentina	Austrália	Áustria
Bélgica	Bolívia	Brasil
Canadá	Chile	China
Colômbia	Croácia	Cuba
Dinamarca	Egito	Equador
Escócia	Estados Unidos da América	Finlândia
França	Grécia	Holanda
Índia	Inglaterra	Israel
Itália	Japão	Malásia
México	Nicarágua	Noruega
Nova Zelândia	Paraguai	Peru
Polônia	Portugal	Rússia

Venezuela		
Estados		
Acre	Alagoas	Amapá
Amazonas	Bahia	Ceará
Espírito Santo	Goiás	Maranhão
Mato Grosso	Mato Grosso do Sul	Minas Gerais
Pará	Paraíba	Paraná
Pernambuco	Piauí	Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte	Rio Grande do Sul	Rondônia
Roraima	Santa Catarina	São Paulo
Sergipe	Tocantins	
Capitais		
Belém	Belo Horizonte	Brasília
Curitiba	Florianópolis	João Pessoa
Maceió	Manaus	Natal
Porto Alegre	Porto Velho	Vitória

Fonte: elaborada pelo próprio autor

Ao percorrer as nomenclaturas do DIL, obtivemos o total de setenta e oito (78) topônimos, distribuídos em: quarenta (40) países, vinte e seis (26) estados brasileiros e doze (12) capitais da mesma nação. Com uma divergência significativa, o Aurélio (2008), obra que norteou a coleta de dados aqui apresentada, manifesta o total de cento e noventa e quatro (194) países, vinte e sete (27) estados e suas referidas capitais brasileiras. Destacamos que no DIL estes elementos foram encontrados no corpo do dicionário, arrolados em verbetes próprios, enquanto que no Aurélio estes são apresentados em textos externos¹, em formato de tabelas, localizadas no final da obra.

Brandão (2011) não explica quais foram os critérios usados para a seleção dos dados inseridos no DIL, uma vez que não estão arrolados o total de cento e cinquenta e quatro (154) países e quinze (15) capitais do Brasil. Não há nos textos externos do dicionário informações sobre o *corpus* utilizado pela autora para a seleção das entradas, desta forma, não é inequívoco o motivo de estarem arroladas

¹ Welker (2004, p. 78) define como textos externos elementos como: “prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informação sobre a pronúncia, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas, lista de verbos irregulares, lista de nomes próprios, lista de provérbios, às vezes, certas curiosidades”. Estas podem ser encontradas anterior ou posteriormente à listagem dos verbetes.

capitais como Belém e João Pessoa e descartadas outras como Palmas e Goiânia. O mesmo ocorre no grupo de países, tendo sido arrolados países como Alemanha e Finlândia e estando ausentes países como Cazaquistão e Libéria.

Dentre os três grupos, apenas a classe de estados brasileiros está completa. Importa destacar o lexema *Brasília*, que, além de ser o nome de uma capital, é também de um estado, contudo, no dicionário em estudo, está definido apenas como uma capital; por este motivo, não está arrolado no grupo estado.

Em relação à microestrutura, pode-se destacar o uso da entrada em português, e a partir daí são apresentados os seguintes microparadigmas: a) sinal em formato de foto (equivalente em Libras), contendo setas indicativas para descrever a realização do sinal (se necessário, indicando a realização sistemática do sinal); b) a descrição do sinal; c) sinal(is) igual(is) (homônimos na Libras); d) sequência fotográfica, com o objetivo de apresentar a trajetória das mãos na realização do sinal (se necessário); e) significado(s) em Português (definição); f) ilustração; e g) o símbolo de asterisco, indicando a presença de verbete remissivo, geralmente utilizado em palavras homônimas da língua portuguesa, remetendo à outra entrada com o seu devido valor semântico, como pode ser observado a seguir:

Figura 1 - Verbetes *Brasil*, no dicionário DIL



Fonte: Brandão (2011, p. 126)

É possível perceber no DIL um padrão nos verbetes lexicais, apresentando todos os micro paradigmas descritos anteriormente. No entanto, nos verbetes toponímicos, esta estrutura se difere em alguns aspectos: na definição, são inseridas informações geográficas, como é recorrente em entradas de topônimos em diferentes dicionários. Verbetes toponímicos não apresentam: sinal equivalente, o significado, o asterisco (possivelmente por não haver sinais toponímicos homônimos) e o sinal igual. Os verbetes toponímicos encontrados no

DIL englobam as seguintes informações: entrada (português), descrição do sinal, sinal (equivalente na Libras) contendo setas indicativas, sequência fotográfica, informação geográfica e ilustração.

Pela falta de pesquisas relacionadas aos estudos onomásticos na Libras, não se sabe com precisão quais os elementos deveriam compor os micro paradigmas dos verbetes toponímicos em dicionários de Libras. Por isso, este trabalho analisou a entrada toponímica e seus micro paradigmas tendo como base os estudos metalexográficos voltados para as línguas orais. Contudo, é perceptível que apesar de serem de diferentes modalidades de línguas que convivem em um mesmo país, a teoria aqui utilizada foi suficiente para realizar um estudo inicial tocante à inserção de signos toponímicos em dicionários de Libras, de modo a contemplar as especificidades da Libras.

Em consonância com o modelo de ficha lexicográfica de Faulstich (2010, p. 184), podemos apontar a presença da entrada e da definição, no entanto esta apresenta informações usualmente presentes em signos toponímicos, como aspectos geográficos, históricos, etimológicos e outros (v. Figura 1). Enota-se a ausência de: categoria gramatical, gênero, variante(s), sinônimo(s), área, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, remissivas, nota e equivalentes, autor(a), redator(a) e data. Importa destacar também a falta de rigor na seleção dos dados por não apresentar o *corpus* de seleção e de exclusão na construção dos verbetes, e por estarem ausentes elementos importantes em verbetes toponímicos, como a fonte da definição e o contexto, que auxiliam o consulente na compreensão dos mesmos.

Conclusão

Neste estudo, foi realizado o levantamento de signos toponímicos presentes no Dicionário Ilustrado de Libras - DIL (2011), objetivando analisar os elementos presentes na sua microestrutura. Para este fim, buscamos respaldo no modelo de Faulstich (2010).

É possível perceber, no dicionário aqui investigado, a falta de informações sobre os critérios utilizados pela autora na seleção dos *corpora* base a serem arrolados. Assim como de exaustividade e coerência no registro das palavras-entrada, uma vez que os nomes das capitais brasileiras e países não foram apresentado sem sua totalidade,

além de não estarem explícitos os motivos de um termo estar presente e outro ausente.

ODIL possui em textos externos a seção “como usar”, apresentando a estrutura base dos verbetes, indicando as informações presentes na micro e na macroestrutura. Todavia, encontramos uma estrutura diferenciada no que se refere aos verbetes toponímicos, como a informação geográfica e a falta de alguns elementos, como significado, asterisco e sinal igual, elementos estes que podem ser relevantes para o consulente. Ao comparar com o modelo da ficha lexicográfica de Faulsich (2010), percebe-se a ausência de informações relevantes para o auxílio ao consulente e para a valorização do dicionário como instrumento científico.

Além disso, nota-se que o DIL não apresenta informações como a área do conhecimento ou domínio, a fonte da definição em Português, bem como dos dados históricos, geográficos, a fonte do contexto utilizado (sendo ela um exemplo ou abonação) e outros. Estas informações, assim como a elucidação dos *corpora* utilizados como base para a seleção das entradas, são de extrema importância, pois são esclarecimentos que auxiliarão o consulente na compreensão dos signos toponímicos. De certa forma, estas informações evidenciam a falta de rigor da obra lexicográfica em estudo quanto à definição de topônimos.

Além de realizar uma reflexão sobre a inserção de topônimos em dicionários gerais, intenciona-se com esta pesquisa conquistar olhares para a Libras, no que se refere aos estudos lexicográficos, em especial sobre a inserção de signos toponímicos em dicionários gerais.

Referências

ANDRADE, Karylleila. dos Santos. Toponímia e ensino: uma interface interdisciplinar. In: RAMOS, Venâncio Ramos; *et al.* (Org.). **Ensino de Língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

BRANDÃO, Flávia. **Dicionário Ilustrado de Libras: língua brasileira de sinais**. São Paulo: Global, 2011.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. **Dicionário enciclopédico de topônimos do estado do Mato Grosso do Sul: uma proposta modelo**.

2014. 134 f. Tese (Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: São José do Rio Preto, 2014.

DICK, Maria Vicentina. De Paula do Amaral. Terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol III. Campo Grande-MS/São Paulo: EDUFMS/Humanitas, 2007.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviços de Artes gráficas/FFLCH/USP, 1992.

FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. de M. de A. *etal* (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luiz, MA: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

_____. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

_____. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SOUZA JUNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STOKOE, Willian; CASTERLINE, Dorothy C.; CRONEBERG, Carl C. **A dictionary of American Sign Language linguistic principles.** Washington: Gallaudet, 1965.

SUPPALA, Shilpa J. **The Book of name Signs. Naming in American Sign Language.** San Diego: DawnSign Press, 1992.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.** Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, Claudia. *et al.* **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Recebido em: 10/07/2017

Aceito em: 30/07/2017